
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O ATIVISMO POÉTICO DE DRUMMOND: ESTUDOS ANIMAIS E ECOCRÍTICA

Angela Guida¹ (UFMS)
e Gleidson André Pereira de Melo² (UFMS)

RESUMO: O ser humano, no decorrer da história, tem atuado de forma colonizadora sobre as demais espécies de vida que habitam o planeta Terra, corroborando uma postura antropocêntrica que tem causado prejuízos irreversíveis aos não humanos e ao próprio vivente humano. Partindo dessa premissa, nossa proposta, com o artigo em questão, é otimizar uma discussão acerca das relações coloniais que o ser humano mantém com o mundo natural, a partir do diálogo com os estudos animais e com a ecocrítica, a fim de demonstrar como essas vertentes de pensamento, em contato com a literatura, são importantes caminhos para se pensar as resistências não humanas. Assim, nossos questionamentos se potencializam pelo encontro entre, por um lado, os textos do poeta Carlos Drummond de Andrade, que revelam acentuada preocupação com a coexistência de todas as formas de vida do planeta Terra ou “arranjos multiespécies” e, por outro lado, o pensamento colaborativo de Donna Haraway (2016). Em nossa reflexão, concebemos que tais textos denominamos de “ativismo poético”.

PALAVRAS-CHAVE: estudos animais; ecocrítica; Drummond; ativismo poético.

DRUMMOND’S POETIC ACTIVISM: ANIMAL STUDIES AND ECOCRITICS

ABSTRACT: Throughout history, human beings have acted in a colonizing way on other species of life that inhabit the planet Earth, confirming an anthropocentric attitude that has generated irreversible damage to non-humans and to human beings. Based on this observation, our proposal with this article is to enable a discussion about the colonial relationships that human beings establish with the natural world, from the dialogue with animal studies and with ecocriticism, in order to demonstrate how these lines of thought, in contact with literature, are important ways to think about non-human resistances. Thus, our questions are enhanced by the encounter between, on the one hand, the texts of the poet Carlos Drummond de Andrade, that reveal a strong concern with the coexistence of all forms of life on planet Earth or “multispecies assemblage” and, on the other hand, the collaborative thinking of Donna Haraway (2016). In our reflection, we conceive that such texts are forms of what we call “poetic activism”.

KEYWORDS: animal studies; ecocriticism; Drummond; poetic activism.

Recebido em 19 de novembro de 2021. Aprovado em 30 de junho de 2022.

¹ angelaguida.ufms@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-8948-646X>

² gandmelo@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-1302-598X>

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro: o animal, as árvores, o homem, todos compartilhamos o mesmo sopro.
Índio de Seattle

É urgente mudar a nossa relação com outros seres do Universo,
sejam animais, vegetais ou minerais.
Timothy Morton

Tanto o homem como a galinha têm misérias e grandeza inerente à própria espécie.
Clarice Lispector

COMO ESTAMOS HABITANDO A TERRA?...

A pandemia da covid-19 estava no seu auge e já se discutiam os possíveis aprendizados deixados por esse trágico evento, sendo um deles a escuta de vozes outras... de vozes dos povos originários que, após anos e anos, se fizeram ouvir, uma em especial saiu das margens do rio doce e ecoou mais longe... Falamos de Ailton Krenak. Lives, entrevistas, programas de televisão e, de repente, todos queriam ouvir o que o indígena e ambientalista diz há mais de 30 anos e poucos deram atenção... Uma de suas lives com o cientista Marcelo Gleiser – *Conversa selvagem* – exibida em abril de 2020 foi uma das mais assistidas. A questão disparadora da conversa entre o cientista e o ambientalista girou em torno do distanciamento do ser humano com o mundo natural. Falando de lugares diferentes, Gleiser e Krenak denunciaram a mesma coisa: a forma parasitária com a qual o ser humano lida com a natureza, por compreendê-la como um elemento apartado do humano. Grande engano! Nos alerta Mia Couto: “A natureza não existe fora de nós. Não mora apenas onde há árvore e passarinho. Nós, com as nossas cidades, somos também a natureza” (2020: s/p).

Há muito que o Planeta vem sofrendo agressões de toda ordem e isso acontece por vários motivos, entre os quais há o econômico que, decerto, tem um peso considerável, não há dúvidas, mas não apenas. O ser humano parece que ainda não entendeu que também é parte da natureza e que justamente por isso deve exercitar o cuidado com todas as formas de vida que habitam essa gigante casa chamada “Terra”, pois “estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar nossas demandas” (Krenak 2020a: 5). O distanciamento do humano com o mundo natural faz com que ele se esqueça de que também é ecologia, a saber, “eco”, que vem do grego “oikia” cujo significado pode ser “casa”, e “logia” que possui traduções distintas, sendo uma delas, “linguagem”. Ecologia, a casa da linguagem, a morada do ser humano, a morada de todas as formas de vida. O distanciamento e/ou esquecimento desse espaço comum tem ocasionado danos incontestes às várias manifestações de vida que habitam a Terra, incluindo, a do próprio vivente humano que, no auge do seu complexo antropocêntrico, não consegue se co-perceber como parte desta casa.

A relação parasitária do humano com o mundo natural é tamanha a ponto de alguns cientistas, entre eles, Paul Crutzen, sugerirem uma nova definição de tempo geológico – Antropoceno, uma era, cuja marca são os impactos devastadores

deixados pelas atividades do ser humano na Terra. Mesmo reconhecendo que atribuir um marco inicial para o início do Antropoceno seja algo arbitrário, Crutzen e Stoermer se arriscam a dizer que essa nossa era tenha se iniciado com a Revolução Industrial e a produção da máquina a vapor em fins do século XVII:

Considerando estes e muitos e muitos outros impactos ainda em desenvolvimento, das atividades humanas no solo, na atmosfera em todas as escalas, incluindo globais, parece-nos mais do que apropriado enfatizar o papel central da humanidade na geologia e ecologia ao propor o uso do termo “antropoceno” para a época geológica corrente. (2000: 114)

Não obstante, existem algumas controvérsias quanto ao uso do termo “Antropoceno”, bem quanto a sua pertinência para marcar uma era geológica; apesar do uso difundido em distintas áreas do conhecimento, a IUGS (União Internacional de Ciências Geológicas) ainda não oficializou o Antropoceno como nova era geológica e questiona se a interferência do ser humano nas camadas geológicas da Terra são fortes o suficiente para demarcar um novo tempo geológico. Não fossem poucas as controvérsias acerca do termo Antropoceno no que diz respeito à marcação de uma época, há quem veja na ação parasitária do humano sobre o mundo natural uma questão exclusivamente capitalista, como é o caso de Jason Moore que aposta no uso de outra terminologia: “Capitaloceno”. Afirma Moore: “Um velho truque capitalista: dizer que os problemas do mundo são os problemas criados por todos, quando, na verdade, foram criados pelo capital. É por isso que deveríamos falar de Capitaloceno como uma era histórica dominada pelo capital”³ (2015: §2; tradução nossa). O termo proposto por Donna Haraway parece mais próximo do que defendemos neste artigo, isto é, a harmonia entre todas as formas de vida. Haraway nos apresenta o termo Chthuluceno para falar de uma era colaborativa, de arranjos multiespécies: “Meu Chthuluceno [...] emaranha-se com uma miríade de temporalidades e espacialidades e uma miríade de entidades em arranjos intra-ativos, incluindo mais-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos e humano-como-húmus” (2016: 140, grifo da autora). Independente de um nome geológico para nomear uma era, a verdade é que nós humanos precisamos encontrar o caminho de volta para o mundo natural, pois a harmonia com todas as formas de vida que habitam a Terra, de início, pode até soar como um desejo utópico, mas não o é. Rios, florestas, cadeias montanhosas, animais e humanos estão todos ligados e desprezar essa ligação causa muitos prejuízos para todas as formas de vida, como defende Timothy Morton com seu pensamento ecológico; é preciso compreender que “Existência é sempre coexistência”⁴ (2010: 4; tradução nossa).

Os desastres ambientais têm acontecido com razoável frequência e, na maioria das vezes, há participação da mão humana, como foi o caso da queda das barragens de Mariana e Brumadinho em Minas Gerais, dois eventos recentes que

³ “Un viejo truco capitalista: decir que los problemas del mundo son los problemas creados por todos, cuando en realidad han sido creados por el capital. Y es por esto que creo que deberíamos hablar del Capitaloceno, como una era histórica dominada por el capital”.

⁴ “Existence is always coexistence”.

comprovadamente sinalizam que o ser humano precisa entender que já está mais que na hora de repensar suas atitudes cotidianas e cuidar melhor da casa que compartilha com outros seres, sendo um desses seres os animais. Nas próximas páginas, vamos discutir, pela via da ecocrítica e dos estudos animais, como o ativismo poético de Carlos Drummond de Andrade pode se configurar como um exemplo de resistência à postura colonial do humano frente ao não humano. Uma postura colonial que se ampara em práticas predatórias que desprezam a noção de teia da vida ou de coexistência e enxergam as outras formas de vida que habitam a Terra tão só como recursos econômicos a serem explorados em benefício da espécie humana. Para Catherine Walsh, essa maneira colonial do humano de lidar com as alteridades não humanas, notadamente pautada no assujeitamento do que não é humano, tem suas raízes com a separação entre humano e natureza preconizada por Descartes: “A separação cartesiana de cultura/natureza descarta completamente a relação milenar entre seres humanos e não-humanos, mundos espirituais e ancestrais, negando inclusive a premissa de que os seres humanos fazem parte da natureza”⁵ (Silva 2013: 489; tradução nossa). Neste artigo, será possível perceber como Drummond coloca em suspensão essa desastrosa ideia de separação, ao propor a unidade entre os seres, afinal “as plantas sofrem como nós sofremos. / Por que não sofreriam, / se esta é a chave da unidade do mundo?” (2016: 9). Sofrem plantas, sofrem animais para que os interesses extrativistas humanos sejam preservados. É a lei do antropomorfismo, que determina o que e quem é importante no mundo e não é necessário muito esforço para saber para qual lado a seta aponta...

OS SABERES MOBILIZADOS PELOS ESTUDOS ANIMAIS E PELA ECOCRÍTICA

Os estudos animais já não são mais uma novidade nas universidades do Brasil. Faz pelo menos uma década que esses estudos vêm se consolidando entre pesquisadores brasileiros. No entanto, mesmo não sendo uma novidade, o alcance de tais estudos revela-se tímido no que diz respeito a editais de publicação de revistas, eventos científicos e afins. Assim, perguntas aparentemente óbvias ainda nos parecem necessárias como: Com quais saberes essa linha de pensamento dialoga? Que implicações têm os estudos animais para se pensar Terra, Mundo, Humano, Animal, Ecologia e Sociedade? Que saberes os estudos animais interrogam? Um aspecto importante a ser destacado é o caráter transdisciplinar dos estudos animais, uma vez que esse campo de pesquisa contempla várias disciplinas que constituem o saber acadêmico, ou seja: biopolítica, antropologia, etologia, bioética, filosofia, ecologia, biologia, literatura, direito, entre tantas outras. O ativismo também se revela como um aspecto importante, pois, em geral, os pesquisadores e pesquisadoras dos estudos animais assumem algum compromisso com o bem-estar animal e esse compromisso

5 “La separación cartesiana cultura/naturaleza descarta enteramente la relación milenaria entre los seres humanos y los no humanos, los mundos espirituales y ancestrales, negando incluso la premisa de que los humanos somos parte de la naturaleza”.

potencializa a aproximação entre teoria e prática, entre discurso e vida. Maria Esther Maciel ressalta a relevância dos estudos animais para o pensamento contemporâneo, porque além do caráter transdisciplinar, esse campo de estudos se dá como mais uma possibilidade de reconfiguração dos saberes e da forma como lidamos com a Terra, com o Mundo, com o Humano e com o Animal. Eis, na leitura de Maria Esther Maciel, uma possível conceitualização para os estudos animais:

Os *Estudos Animais* vêm se afirmando como um espaço de entrecruzamento de várias disciplinas oriundas das ciências humanas e biológicas, em torno de dois grandes eixos de discussão: o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos. Torna-se, portanto, evidente a emergência do tema como um fenômeno transversal, que corta obliquamente diferentes campos do conhecimento e propicia novas maneiras de reconfigurar, fora dos domínios do antropocentrismo e do especismo, o próprio conceito de humano. (2011: 7)

Por não possuir uma definição precisa ou uma metodologia a ser seguida, os estudos animais avançam em muitas direções no cenário acadêmico, que não se limitam à zoologia, biologia e áreas afins, o que permite que inúmeras questões sejam trazidas à tona; mas, volta e meia, as reflexões de Descartes (1983) ressurgem e a questão da linguagem e da consciência animal são postas na cena do dia. O estatuto de ser superior em detrimento de outras espécies, sobremaneira no caso do animal, foi largamente corroborado por Descartes que acredita que o animal é inferior ao humano porque se encontra privado de linguagem e porque tal privação o coloca na condição de autômato, uma máquina que não pensa, não sente; no entanto, faz-se importante ressaltar a partir de Guattari que “não basta pensar para ser, como o proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência” (1990: 48).

Recentes pesquisas — *De Coelhos, Cães e Cavalos: agência e animalidade* na obra de Richard Adams, de Jefferson de Moura Saraiva, 2022 (UEL); *Os animais na literatura brasileira: do imperialismo ecológico ao animal como sujeito*, Ana Carolina Torquato Pinto da Silva, 2020 (UFPR); *Reinscrevendo a responsabilidade: figurações da alteridade entre o humano e o animal*, Fabio Prikladnicki, 2015 (UFRGS); *Inventar uma pele para tudo: texturas da animalidade na literatura e nas artes visuais* (Uma incursão na obra de Nuno Ramos a partir de Georges Bataille), Eduardo Jorge de Oliveira, 2014 (UFMG) — têm demonstrado que o pensamento mecanicista de Descartes com relação aos animais, preponderante nos séculos XVII e XVIII, não está isento de enganos, sobretudo no que diz respeito à linguagem e à capacidade de sofrer dos animais. Como sabemos hoje, os animais não são seres privados de linguagem, pois existem formas outras de linguagem que vão além do uso das palavras. E caso não existissem pesquisas para comprovar essa obviedade, poderíamos recorrer à literatura, que sempre nos convida a olhares outros, tal como podemos perceber no fragmento da crônica de Drummond – “O cão viajante” – em que o poeta conta a história de um cão

que viajou dos Estados Unidos para o Brasil com seu tutor e, quando chegou ao aeroporto, causou certa surpresa aos funcionários da alfândega, que constataram que quatro malas pertenciam ao cão, onde estavam suas roupas, vitaminas, coleiras, alimentação especial, etc.: “Expus o caso a um cachorro de minhas relações, chamado Puck, e ele manteve comigo, por meio dos olhos e da cauda saltitante, este diálogo quase maiêutico” (Andrade 2012: 21).

No desejo de inscrever os estudos animais no âmbito de uma determinada teoria, há quem vislumbre afinidades com os estudos de ecocrítica, uma vez que os dois campos de pesquisa trazem como propostas de reflexão as relações entre humano e animal, questionam o complexo antropocêntrico do ser humano, fomentam o diálogo com campos diversos do conhecimento, apresentam vínculo com os estudos culturais, apresentam ausência de uma metodologia bem delineada e se aproximam do ativismo. Nesse sentido, animal e ecologia parecem indissociáveis, de modo que o caminho mais natural seria pensar os estudos animais em coimplicação com a ecocrítica:

À medida em que os ecocríticos procuram oferecer um discurso verdadeiramente transformador, que nos permita analisar e criticar o mundo em que vivemos, dá-se cada vez mais atenção à ampla gama de processos e produtos culturais nos quais e por meio dos quais ocorrem as complexas negociações entre a natureza e a cultura. Aliás, a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo das relações entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo “humano”. (Garrard 2006: 16).

Entretanto, o caminho natural não é assim tão simples. Segundo Greg Garrard, há conflitos de interesses entre ecocrítica e estudos animais, conflitos de natureza teórica e prática; mais precisamente, a questão da senciência seria um dos principais motivos desse conflito. Para Garrard, os adeptos da causa animal, de modo particular, Peter Singer, um dos nomes mais atuantes dos estudos animais, importam-se com a defesa de seres que têm algum nível de consciência, ao passo que para os princípios defendidos pela ecocrítica qualquer vida que está na Terra seja ela senciente ou não, como é o caso de rios, árvores, plantas etc:

Os adeptos da libertação dos animais costumam traçar a linha divisória da consideração moral no limite do senciente, ou daquele que percebe pelos sentidos. Para Singer, isso se situa em algum ponto entre os crustáceos e os moluscos, o que deixa os mexilhões no cardápio, mas retira os caranguejos e as lagostas. A ética ambientalista, por seu turno, deposita muito menos ênfase no organismo individual, mas exige consideração moral em relação a coisas inanimadas, como rios e montanhas, presumindo que a dor e o sofrimento são uma parte necessária da natureza. Esses conflitos éticos têm consequências práticas, uma vez que os libertários geralmente se opõem à caça, ao passo que os ecofilósofos afirmam que, em alguns casos, as populações explosivas de

certas espécies têm de ser cerceadas, quando ameaçam todo um meio local.
(Garrard 2006: 197)

Para o momento atual do Planeta, o conflito entre os adeptos da libertação dos animais e os ecofilósofos constitui uma questão séria, pois a divergência não recai apenas sobre a teoria, mas também sobre a prática, de maneira a incidir sobre a vida do Planeta, ou melhor, de todas as formas de vida que coabitam o Planeta. “Existência é Coexistência”, já nos disse Timothy Morton. Assim, não dá para conceber os estudos animais numa vertente separada da ecocrítica, porque animais e humanos precisam de um lugar seguro para viver e um lugar seguro implica cuidar de rios, florestas, enfim, qualquer forma de vida, ainda que não se trate de seres sencientes, pelo menos no que se refere a nossa visão limitada, esta visão típica de nós ocidentais, pois não podemos deixar de mencionar que, para os povos originários, rios, árvores e plantas têm alma, eles choram, eles sofrem: “O rio Doce, que nós, Krenak chamamos de Watu nosso avó, é uma pessoa, não um recurso como dizem os economistas. Ele não é algo que alguém possa se apropriar” (Krenak 2020b: 40). Também para Drummond, como podemos vislumbrar em seus versos, rios, árvores e plantas têm alma: “A flor sofre, tocada/ Por mão inconciente./ Há uma queixa abafada/ Em sua docilidade” (Andrade 20016: 9).

Em agosto de 2021, o tema do congresso internacional realizado pela ASLE Brasil (Association for the Study of Literature and Environment) foi uma clara proposta de diálogo entre estudos animais e ecocrítica; o congresso foi intitulado “Poéticas do cotidiano: animais e meio-ambiente”. Esse, a nosso ver, foi um momento importante para sinalizar que estudos animais e ecocrítica se encontram afinados como resistência dos não humanos ao pensamento colonial do humano sobre as formas de vida não humanas; que esses estudos caminham juntos na busca por unidade na teia da vida. O pensamento ecológico-poético de Carlos Drummond de Andrade nos permite ver e entrever a coimplicação entre estudos animais e ecocrítica, na medida em que se abre ao diálogo com plantas, rios, árvores, montanhas, animais, humanos, criando assim um conjunto de textos que configuram, a nosso ver, um ativismo poético. Vejamos.

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM POETA QUE AMAVA OS BICHOS E AS PLANTAS E AS MONTANHAS E OS RIOS...

CONHEÇA E DIVULGUE OS DIREITOS DO ANIMAL

Algum dia você já parou para pensar que os animais também têm direitos? E que cabe ao homem reconhecer esses direitos, num universo cada dia mais controlado pelo ser humano? Pois então fique sabendo que 30 anos depois de votada pela ONU, em Paris, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a

UNESCO, também em Paris, acaba de aprovar a declaração universal dos Direitos do Animal, na mesma trilha filosófica que inspirou o primeiro documento.

[...]

É necessário introduzir no processo educativo a consciência da vida como um todo natural, pois só assim o homem feito saberá honrar seu compromisso ético para com o meio em que se desenrola o seu destino. (Andrade 1978: 5)

Essa citação poderia perfeitamente ser atribuída a um/a teórico/a dos estudos animais ou da ecocrítica, tendo em vista a temática que aborda, mas ela foi dita/escrita pelo poeta Carlos Drummond de Andrade em um de seus muitos textos produzidos em favor do bem-estar animal. Independente de teorias, Drummond, já na década de 50, mostrava-se afinado com os pressupostos defendidos pelos estudos animais e pela ecocrítica ao lutar pela defesa e bem-estar animal; lutar poeticamente com seus versos e lutar civilmente ao se associar à Sociedade União Internacional Protetora dos Animais (SUIPA), por exemplo. O poeta fala dessa atividade na crônica intitulada SUIPA: “Sou candidato ao Conselho Consultivo e prometo aconselhar sempre com sabedoria, prudência e justiça, depois de ouvir, é claro, meus queridos conselheiros particulares: Puck (um cãozinho velho) e Inácio (um gatinho novo)”, esses animais tutelados por Drummond (Bezerra 2011: 6).

Sobre o espólio de Drummond que se encontra no Instituto Moreira Salles, Elvia Bezerra destaca uma obra em especial – *A voz dos que não falam* – um pequeno jornal editado artesanalmente junto com sua amiga Lya Cavalcanti, que circulou pela primeira vez no dia 4 de outubro de 1970. A data de lançamento não fora gratuita, uma vez que o periódico tratava do bem-estar animal. Na primeira edição, Drummond de Andrade publica o poema “Conversa com o santo”, lamentando a forma cruel como os humanos tratam os animais e pedindo a intervenção do santo protetor dos bichos:

infinitas coleções de animais que sofrem em todos os lugares da terra
e não podem dizer que sofrem, e por isto sofrem duas vezes.

[...]

Por isto, santinho nosso,
você providencie urgente sua volta ao mundo
para ver se dá jeito nestes seus alunos repetentes. (Bezerra 2011: 6)

Além do jornalzinho artesanal *A voz dos que não falam*, Drummond publicou várias crônicas denunciando os maus-tratos impingidos aos animais, conforme salienta Elvia Bezerra. Sem dúvida, foi um ativista da causa do bem-estar animal ao abordar em suas crônicas, publicadas nos jornais *Correio da manhã* (décadas de 50 e 60) e *Jornal do Brasil* (a partir de 1969), questões relevantes para o ativismo animal como, por exemplo, o caráter jurídico da vida animal, uma problemática ainda pungente nos estudos animais da atualidade.

Em 1973, em uma das edições de *A voz*, Drummond surpreendeu os leitores ao conceder uma entrevista a uma cachorrinha de nome Susy. Para tornar o feito

marcante, o poeta advertiu no início da publicação que não dava entrevistas nem para o famoso Pasquim, ou seja, Susy gozava de prestígio junto ao poeta de sete faces, como se lê na “Entrevista exclusiva com o autor que não dá entrevista nem para o *Pasquim*” (Andrade 1973: 4). Na entrevista ficcional, Drummond aborda vários pontos que se encontram afinados com as discussões presentes nos estudos animais, na ecocrítica, bem como no pensamento ecológico de Timothy Morton (2010), que defende a existência como coexistência entre todas as espécies. Drummond questiona o antropocentrismo – “acha que o homem tem direito à exclusividade neste planeta?” (Andrade 1973: 4), bem como o distanciamento do humano com mundo natural – “o melhor a fazer é vocês dispensarem a filosofia e continuarem simplesmente integrados na natureza – coisas que nós, supostamente superiores, raramente sabemos fazer” (Andrade 1973: 4).

Quer em crônicas, contos ou poemas, Carlos Drummond de Andrade sempre dialogou com, num legítimo exercício de alteridade poética animal, como podemos vislumbrar nos poemas “Atentado” e “Tortura”, nos quais se fazem presentes cão e gato. Ambos os poemas integram a obra memorialística do poeta – *Boitempo* – que, não por acaso, tem seu título formado por esse neologismo que justapõe tempo e boi para reafirmar a relevância dos animais na construção da memória do poeta que, quando criança, viveu na zona rural, mais próximo a bichos e plantas. A pesquisadora Suellen Rodrigues Rubira, inclusive, discute a relevância dos animais de *Boitempo* (que não são poucos, sobretudo o animal boi) para a construção identitária do poeta: “Refiro-me às figuras de animais, companheiros permanentes do eu-lírico, que conduzem o menino até o estágio de poeta-homem, quem compreende sua história e sua origem para poder formular uma hipótese do que é ser, pois, humano” (2020: 157). Nos poemas “Atentado” e “Tortura” o título já nos chama a atenção, pois Drummond invoca a carga semântica de palavras que geralmente são usadas para nomear ações praticadas contra humanos, com efeito, praticam-se atentados contra humanos, torturam-se humanos na ordem do pensamento colonial, no entanto, faz-se importante manifestar que, como nos mostra o poeta, não há diferença entre atentar contra a vida de um cachorro e contra a de um humano; entre torturar um gato e um humano, uma vez que sempre se trata de vida, de morte, de sofrimento. Nesse sentido, Drummond nos faz lembrar da seguinte afirmação de Bentham: “Eu não posso saber se os animais têm inteligência, se os animais têm alma, mas posso saber se os animais sofrem. Isso é o essencial da questão” (Nunes 2011: 17). Vejamos agora os poemas “Atentado” e “Tortura”:

Atentado

O cachorro em convulsões rola escada abaixo.
Seu vômito verde
Colore de morte os degraus.
Comeu bola.
Nunca se saberá quem matou.

O assassino invisível golpeia
A orgulhosa família desarmada.
(Andrade 2007: 959)

Tortura

Carretel não entra
Em rabo de gato?
Não importa: este
Há de entrar, exato.
[...]
Outra mão, piedosa,
Cure, salve o gato,
que esta sabe apenas
torturar exato.
(Andrade 2007: 981-982)

O poeta é sensível à causa animal, à causa humana e à causa florestal; justamente por isso compreende que rios, árvores e florestas são fundamentais na tessitura da teia da vida animal, vegetal, mineral, humana. É isso que ele grita, em seus versos, a pessoas surdas que parecem ignorar que animais e plantas são nossas espécies companheiras no ecossistema. Versos que denunciam violências praticadas com alteridades não humanas:

A água serpeia entre musgos seculares
Leva um recado de existência a homens surdos
E vai passando, vai dizendo
Que esta mata em redor é nossa companheira,
É pedaço de nós florescendo no chão.

Que rumor é esse na mata?
Por que se alarma a natureza?
Ai... é a motosserra que mata,
Cortante, oxigênio e beleza.

Não, não haverá para os ecossistemas aniquilados
Dia seguinte.
O ranúnculo da esperança não brota
No dia seguinte.
O vazio da noite, o vazio de tudo
Será o dia seguinte.
(Andrade 2007: 78)

Em janeiro de 2019, assistimos consternados a um povoado inteiro ser engolido por um mar de lamas da mineradora Vale, em Sobradinho, Minas Gerais. Antes, em 2015, foi a cidade de Mariana que sentiu o impacto destrutivo da mineração. No entanto, muito antes, Drummond já nos advertia acerca dos prejuízos que a empresa mineradora vem causando ao meio ambiente, em especial, no rio Doce, o rio avô dos Krenak. Como nos diz o poeta, o rio é doce, mas a Vale é amarga em suas ações de depredação da natureza no estado de Minas Gerais há 80 anos:

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga
Quantas toneladas exportamos
de ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?
(Rosa 2000: 213)

Ao final dos versos de Drummond, somos tentados a fazer o mesmo questionamento que Fernando Pessoa fez em “Mar Português”: Valeu a pena? Não. Não valeu e, segundo Wisnik, Drummond foi pioneiro ao tocar nessa questão em sua obra e contar ao mundo que não havia valido a pena: “A obra de Carlos Drummond de Andrade tocou pioneiramente numa ferida que está aberta hoje: a degradação do ambiente e da vida nas áreas afetadas pela mineração cega às suas próprias consequências” (2018: 29).

Os impactos negativos no ecossistema, advindos com a instalação da Companhia Vale do Rio Doce, em Itabira, em 1942, são parte fundamental da poética de Drummond, repercutem *surdamente* em seus escritos, conforme argumenta José Miguel Wisnik (2018). Um povoado que se fez cidade com o apagamento da sua memória afetiva em detrimento do pretensso benefício que a instalação de uma mineradora traria para seus habitantes. “Itabira de Drummond é o mundo, um mundo em que o mundo vai engolindo o mundo, movido pela geoeconomia e pela tecnociência” (2018: 19). Uma sucessão de crimes ambientais que levaram embora, por exemplo, o Pico do Cauê, uma montanha majestosa que ficou apenas no lamento do poeta, expresso no poema “Montanha pulverizada”, que integra *Boitempo*. Na leitura de Wisnik, um efeito concreto e traumático da mineradora, um crime contra a memória afetiva do poeta: “Há no ar a sensação de que um crime não nomeado, ligado à fatalidade de um ‘destino mineral’, foi cometido a céu aberto” (29, grifos do autor):

A montanha pulverizada

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,

de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.

Era coisa dos índios e a tomamos
para enfeitar e presidir a vida
neste vale soturno onde a riqueza
maior é sua vista e contemplá-la.

De longe nos revela o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta
uma forma de ser, em ferro, eterna,
e sopra eternidade na fluência.

Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
— o trem maior do mundo, tomem nota —
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.
(Andrade 2017: 56)

No poema “O Pico de Itabirito”, Drummond também desenha um retrato cruel da colonialidade da natureza ao descrever a forma parasitária com que o pico de Itabirito é expropriado pela ação da mineradora, que visa apenas o lucro com a exportação do minério:

O pico de Itabirito
será moído e exportado
Mas ficará no infinito
Seu fantasma desolado
[...]
A tripla, agressiva empresa
Acha que tudo se exporta
E galas da natureza
São luzes de estrela morta.
(Andrade 2007: 597)

O que é o pico de Itabirito para a memória e a história das pessoas do lugar?
isso não importa,
o que vale são divisas

que tapem outros “buracos”
do tesouro nacional
deixando em redor os cacos
de um país colonial.
(Andrade 2007: 598)

Aníbal Quijano nos apresentou o termo “colonialidade do poder” para se referir aos efeitos perversos, sobretudo no sentido econômico e político, que a colonização deixou nos países colonizados: “Quijano nos brinda com seu conceito de colonialidade do poder, que expressa a estrutura global de poder criada pelo colonizador para controlar a subjetividade dos povos colonizados”⁶ (Silva 2013: 481; tradução nossa). Entretanto, o conceito de “colonialidade do poder” se ampliou para situações similares em que há o mesmo princípio de tentativa de controle e de apagamento da subjetividade do outro. Assim, a partir da matriz colonial de poder, conforme argumenta Walter Mignolo (2010), níveis complexos de colonialidade foram se entrelaçando, de modo que podemos falar em colonialidade do ser, do saber e, a que mais nos interessa aqui, de colonialidade da natureza, que se refere ao desejo de submeter a natureza a todo tipo de controle e exploração: “Dominação é, sempre, em algum grau, a negação do outro, o que é válido tanto para povos, para etnias, para grupos e/ou classes sociais como para a natureza” (Porto-Gonçalves 2012: 21).

Alinhada à ideia de colonialidade da natureza talvez pudéssemos pensar no racismo ambiental, expressão que se tornou conhecida a partir da década de 70, em virtude de um episódio de racismo ocorrido nos Estados Unidos. Movimentos formados por negros e negras americanas foram para as ruas do Condado de Warren, Carolina do Norte, reclamar contra o depósito de lixo tóxico vizinho a suas comunidades, que além de degradar o entorno das residências daquelas pessoas, também poderia colocá-las em situação de risco, risco de contrair doenças advindas dos dejetos do lixo. O racismo ambiental acontece toda vez que indústrias e afins, que causam danos ambientais, são construídas em regiões periféricas vulneráveis, onde a maioria dos habitantes são negros ou descendentes, causando degradação do meio ambiente próximo a esses grupos marginalizados.

No entanto, já há um alargamento do termo e ele tem sido estendido para se pensar outras etnias, outras condições de vulnerabilidade: “Acreditamos que a noção de racismo ambiental pode ser ampliada para todas as minorias políticas étnico-raciais do planeta que lutam contra a distribuição desigual de acesso aos recursos naturais e a exposição a diferentes formas de risco ambiental nas áreas em que vivem” (Santos et. al 2016: 7). Neste sentido, poderíamos dizer que as pessoas que moravam no entorno das barragens de Sobradinho e Mariana foram vítimas de racismo ambiental. Ainda podemos concluir que os poemas de Drummond – “Lira itabirana”, “A montanha pulverizada” e “O Pico de Itabirito” – constituem-se como poemas de denúncia ao racismo ambiental e à colonialidade da natureza, uma vez que interrogam as grandes corporações acerca de suas atividades de mineração que degradam o meio

⁶ “Quijano nos brinda con su concepto de colonialidad del poder, que expresa la estructura global de poder creada por el colonizador para controlar la subjetividad de los pueblos colonizados”.

ambiente e colocam em risco a vida de pessoas de classes financeiras vulneráveis, pequenos produtores, ribeirinhos, caiçaras, negros, negras ou não, porque o racismo ambiental, como nos mostra Herculano, “diz respeito a um tipo de desigualdade e de injustiça ambiental muito específico: o que recai sobre suas etnias, bem como sobre todo grupo de populações ditas tradicionais – ribeirinhos, extrativistas, geraizeiros, pescadores, pantaneiros, caiçaras, vazanteiros, ciganos, pomeranos, comunidades de terreiro, faxinais, quilombolas etc” (Herculano 2008: 16).

ÚLTIMAS PALAVRAS...

A caminho do fim, resta-nos acentuar que não acreditamos em soluções messiânicas para questões tão complexas como as que apresentamos aqui, o que não nos impede de acreditar que os saberes mobilizados pelos estudos animais e ecocrítica podem contribuir para o fomento de uma política poético-ecológica, na medida em que estes saberes são exemplos concretos e profícuos de que a experiência de se abrir a epistemologias outras é um grande ganho para todas as formas de vida que habitam o planeta Terra, afinal, como nos lembra o poeta Drummond nos versos do poema “Unidade”, que já citamos e não nos cansamos de repetir, tudo é unidade: “As plantas sofrem como nós sofremos. / Por que não sofreriam / se esta é a chave da unidade do mundo?” (Andrade 2007: 1393).

Não deveríamos nos esquecer de que (animais, humanos, rios, florestas), ainda que performando diferentes formas de vida, somos todos habitantes de uma casa maior e devemos cuidar dela com o mesmo empenho com que cuidamos de nossa pequena casa, a que chamamos lar, afinal “temos de parar de ser convencidos. Não saberemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã” (Krenak 2020a: 12) e praticar com seriedade ético-política a coexistência.

Sem dúvidas, hoje, nós (humanos) ainda precisamos aprender a abrir mão do nosso complexo de importância, precisamos aprender a resistir à ideia de que somos importantes, porque na verdade nós humanos “não somos tão importantes como pensamos” (Couto 2020: §4)... já está mais do que na hora de aprendermos esta lição para, quem sabe, começarmos a efetivamente praticar políticas de insurreição, de insurreição co-existencial...

OBRAS CITADAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Unidade. Farewell*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A montanha pulverizada. Boitempo: esquecer para lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala, amendoeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Conheça e divulgue os direitos do animal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 5, 21 de outubro de 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/145730.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A voz dos que não falam*. Exemplar n. 5, 4 out. 1973. Disponível em: <https://acervo.ims.com.br/4516/>.

BEZERRA, Elvia. Drummond: “o querido capanga”. Instituto Moreira Salles, 23 de setembro de 2011. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/drummond-o-querido-capanga-por-elvia-bezerra/>.

COUTO, Mia. Nós, humanos, não somos tão importantes assim. *Exame*, São Paulo, 30 de agosto de 2020. Disponível em: <https://exame.com/casual/mia-couto-nos-humanos-nao-somos-tao-importantes-assim/>.

CRUTZEN, Paul, & Eugene Stoermer. Antropoceno. Trad. João Ribeiro Mendes. *Anthropocenica: Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*, Braga, n. 1, p. 113-116, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3095>.

DESCARTES, René. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. Os pensadores, XV. Trad. J. Guinsburg e B. Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 33-80.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora Universitária, 2006.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papyrus, 1990.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*, Campinas, v. 3, n. 5, abr. 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>.

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. *INTERFACEHS: Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, São Paulo, n. 1, p. 1-20, 2008. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfaceHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

MACIEL, Maria Esther, org. *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. p. 7-9.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonialidad*. Colección Razon Política. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MOORE, Jason. Entrevista a Jason Moore: del capitaloceno a una nueva política ontológica. Entrevista concedida a Felipe Milanez e Jonah Wedekink. Trad. Joaquim Muntané Puig. *Ecología Política*, Barcelona, 10 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.ecologiapolitica.info/?p=9795>.

MORTON, Timothy. *The ecological thought*. Cambridge: Harvard U P, 2010.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. Maria Esther Maciel, org. *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 13-22.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: A reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. *R. Inter. Interdisc. INTERTHESIS*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 16-50, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2012v9n1p16>.

ROSA, Angela Maria Vaz Sampaio. *Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em o cometa itabirano*. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_RosaAM_1.pdf.

RUBIRA, Suellen Rodrigues. Os animais e a construção identitária em Carlos Drummond de Andrade. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10378>.

SANTOS, Alessandro Oliveira et al. Racismo ambiental e lutas por reconhecimento dos povos de floresta da Amazônia. *Global Journal of Community Psychology Practice*, 7 (1S), 1-20, 2016. Disponível em: <https://www.gjcpp.org/en/article.php?issue=21&article=117>.

SILVA, José de. La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida. Catherine Walsh. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir*. Tomo I. Serie Pensamiento Decolonial. Quito: Abya-Yala, 2013. p. 469-507.

WISNIK, José Miguel de. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.